

CRÍTICA LIVROS

POR OLGA DE MELLO - ESPECIAL PARA O CORREIO DA MANHÃ



Divulgação

A boa vizinhança

As editoras brasileiras fecharam 2025 com a venda de 60,33 milhões de livros, uma receita de R\$ 3,09 bilhões, um crescimento de 7,75% em volume e 8,68% em faturamento comparados ao ano anterior. Até abril, o Rio de Janeiro é a Capital Mundial do Li-

vro, título concedido pela Unesco ao reconhecer a importância dos programas políticos de inclusão social através do letramento e da leitura desenvolvidos pela Prefeitura carioca.

Essas são algumas observações que me vêm à mente quando 2026 oficialmente começa – depois do Carnaval, claro – e recebo novas estantes para acomodar os livros em-

pilhados sobre prateleiras ocupadas por outros, mesas, móveis casa afora. A rearrumação torna-se motivo de desespero, distante da estética decorativa, obedecendo a uma lógica: temática, ordem alfabética, país

de origem dos autores.

E, por culpa das invasões europeias pelo planeta, começam os problemas. Escritores indianos devem ficar perto dos jamaicanos, quando escrevem em inglês? Faz sentido deixar lado a lado Tagore e Marlon James? Outro James problemático é Henry James, novaiorquino fissurado pela Inglaterra, onde viveu

e morreu. Fica com os conterrâneos ou com os ingleses? E Doris Lessing, que nasceu no Irã, passou a infância no Zimbábue até se mudar definitivamente para Londres? A velha dúvida sobre Kafka – fica junto aos tchecos (sim) ou aos austríacos/alemães?

Essas são algumas observações que me vêm à mente quando 2026 oficialmente começa – depois do Carnaval, claro – e recebo novas estantes para acomodar os livros empilhados sobre prateleiras ocupadas por outros, mesas, móveis casa afora. A rearrumação torna-se motivo de desespero, distante da estética decorativa, obedecendo a uma lógica: temática, ordem alfabética, país de origem dos autores. E, por culpa

das invasões europeias pelo planeta, começam os problemas. Escritores indianos devem ficar perto dos jamaicanos, quando escrevem em inglês? Faz sentido deixar lado a lado Tagore e Marlon James? Outro James problemático é Henry James, novaiorquino fissurado pela Inglaterra, onde viveu e morreu. Fica com os conterrâneos ou com os ingleses? E Doris Lessing, que nasceu no Irã, passou a infância no Zimbábue até se mudar definitivamente para Londres? A velha dúvida sobre Kafka – fica junto aos tchecos (sim) ou aos austríacos/alemães?

Nos últimos anos, um novo boom de literatura latino-americana domina as editoras brasileiras, que investem nesse nicho e também em obras de escritores africanos, oriundos das ex-colônias europeias, asiáticos e em mulheres. Nunca se viu tanta mulher publicada em Pindorama, nativas ou estrangeiras. Tenho ganhado ou adquirido muitos livros de autoras que desconhecia, como a haitiana Yanick Lahens, autora de uma preciosa joia: “Banho de Lua” (Bazar do Tempo, R\$ 88,90), que lhe deu o Femina, em 2014, e conta a história da dominação na ilha ao longo de diversas gerações, submetidas aos poderosos “donos” das terras, sem jamais perder os laços de culturas ancestrais. A geografia manda nas prateleiras. O romance de Lahens ficará perto dos livros das magníficas Françoise Ega (nascida na Martinica e radicada na França) e Maryse Condé (de Guadalupe, também expatriada para a França).

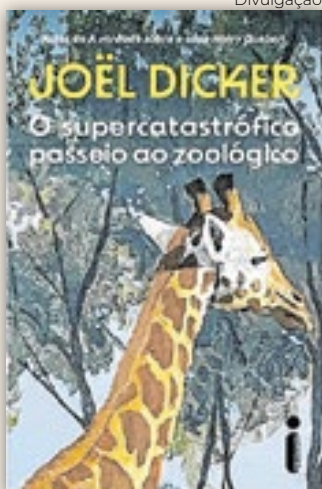
Uma boa vizinhança.

NA ESTANTE

POR OLGA MELLO

O SUPER CATASTRÓFICO PASSEIO AO ZOOLOGICO

Incurso do suíço Joel Dicker, autor de bons thrillers para adultos, no universo infantojuvenil, é leitura para qualquer idade. Contado do ponto de vista de uma menina que estuda em uma pequena escola para “crianças especiais”, traz o mistério do incêndio criminoso do colégio a ser resolvido pela turma da protagonista. Jamais se diz qual é a característica de cada um desses alunos, transferidos para um dos prédios de uma escola regular. Um menino é claramente autista, outros apresentam pouca interação social, mas todos se animam a descobrir quem atacou o colégio, apesar das limitações impostas a eles pelos protetores pais e professores. E. Intrínseca (R\$ 64,90).



Divulgação

CRÔNICAS ATROPELADAS

Nas rodovias do Brasil, 400 milhões de animais silvestres são atropelados a cada ano, o que equivale a 17 acidentes – boa parte deles fatais – por segundo nas estradas do país. O livro de Vangi Souza, com ilustrações de Artur Kjá, relata o trabalho do biólogo Sebastião Silvestre em crônicas que chamam a atenção para as espécies ameaçadas ou com populações em declínio por atropelamentos que poderiam ser evitados. Entre os animais acidentados estão tamanduás, onças, lontras, lobos-guará, bicho-preguiça, felinos e símios. Parte da renda obtida com as vendas do livro será destinada à ONG SOS Vida Silvestre, dedicada à proteção, resgate, reabilitação desses animais e à educação ambiental. Ed. Escrita Fina/ZIT (R\$ 88).



Divulgação

CAPITÃO BLOOD

Na primeira metade do século 20, o inglês Rafael Sabatini dominou o segmento de livros de aventuras de galantes aventureiros – quase todos adaptados para o cinema da época. Aqui vemos Sabatini em sua melhor forma: uma empolgante trama movimentada para contar a transformação de um médico, excelente espadachim, ex-soldado, em pirata bem-sucedido, movido pelo ódio à escravidão de prisioneiros nas ilhas dominadas pelos britânicos no Caribe. Talvez a maior qualidade de Sabatini seja a de seus contemporâneos, como o criador de “Tarzan”, Edgar Ryce Burroughs, cuja leitura não segmentava o público por faixa etária. Ed. Darkside (R\$ 94,90).



Divulgação